



Dorival Caimi pinta muito, mas é acometido de desânimos e destrói os seus quadros, quando os amigos não tomam a precaução de furtá-los

DIZER que Dorival Caimi é um rapaz simples seria um lugar-comum de reportagem e uma inverdade. Caimi não é de pôses mas também não é simples. O modo com que fala, sua tortura para exprimir o que pensa, e se definir, suas irritações contra isso ou aquilo, mostram um homem subjetivo, de funcionamento emocional bastante complicado.

Encontramo-nos no bar, e falamos primeiramente sobre pintura. Outras reportagens já disseram alhures que Dorival Caimi gosta de pintar.

— Comecei a desenhar no colégio, disse-nos ele. Em 1943, frequentei um curso noturno de desenho na Escola de Belas Artes da Bahia. Só muitos anos mais tarde, comecei a usar o óleo, e a interessar-me realmente pela pintura, comprando livros e albuns. Fui muito combatido, a princípio, pelos meus amigos, principalmente em casa e por Jorge Amado. Achavam que a pintura poderia me desviar da música.

Gosto de conversar sobre pintura onde sou atendido: Pancetti, Portinari, Burlé Marx, Di Cavalcanti, Bruno Giorgi, Gobis, Manoel Martins...

— E você já expôs?

— Nunca. Antes de mais nada, de vez em quando, eu destruo quase tudo o que fiz tomado de um invencível desânimo. Já me arrependi muito de ter destruído certos quadros. Meus quadros são dados e furtados, aos amigos e pelos amigos respectivamente.

NÃO SOU UM CHURCHILL

— Qual a sua tendência em pintura?

— Bem, eu acompanhei toda essa querela entre abstracionismo e figurativismo. Mas não cheguei a uma posição definitiva. Sou um lírico em pintura, gosto da harmonia das cores. Por outro lado, não posso me desprender da forma. Meu ideal seria uma pintura que correspondesse em cores às harmonias de uma fuga de Bach.

Você quer saber de uma coisa? A pintura funciona em mim de um modo todo especial. Funciona para mim, isto é, não sou um pintor de domingos, como Churchill ou Eisenhower, mas também não chego a ser cem por cento pintor. Tenho

Caimi, morador no Leblon, é visto quase sempre andando pela praia, porque é dessa maneira que compõe as suas belas canções

um compromisso com a canção, que é de fato a minha maneira de exprimir. Em geral, com meus quadros satisfaço interiormente certas frustrações musicais.

PREFERE A POESIA AO ROMANCE

Caimi fala em seguida sobre os pintores de sua preferência: Giotto, Masaccio, Utrillo, Cézanne, Gauguin, Tintoretto, Matisse, Guignard, Pancetti, Clovis Graciano...

E passamos à literatura.

— Leio pouco. Li mais quando era jovem. Do folhetim de aventuras, passei a Victor Hugo. O Colégio Castro Alves me infundiu terror pela poesia por causa dos recitativos. Só muito mais tarde, comecei a ler novamente. Gosto dos romances brasileiros de sentido regionalista: Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos... Gosto também de Érico Veríssimo. Entretanto, me dou melhor com a poesia, que realiza uma síntese mais próxima da expressão musical. Sou admirador de Garcia Lorca, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge Guillén, Pablo Neruda.

INVENTANDO MÚSICA

— Comecei a gostar de música sem saber o que era isso, quando menino. Em certa época, cheguei a detestá-la: aos doze anos, doente de impaludismo, tinha que ouvir o dia inteiro a vitrola de um homem que morava em minha rua. Quando arranjei um violão, fui descobrindo um mundo novo na sonoridade. Como não aprendi música, descobrindo-a por mim mesmo, em companhia de um grande amigo, tive uma vantagem: fui levado por isso mesmo a inventar um pouco de música. Foi o que me fez compositor.

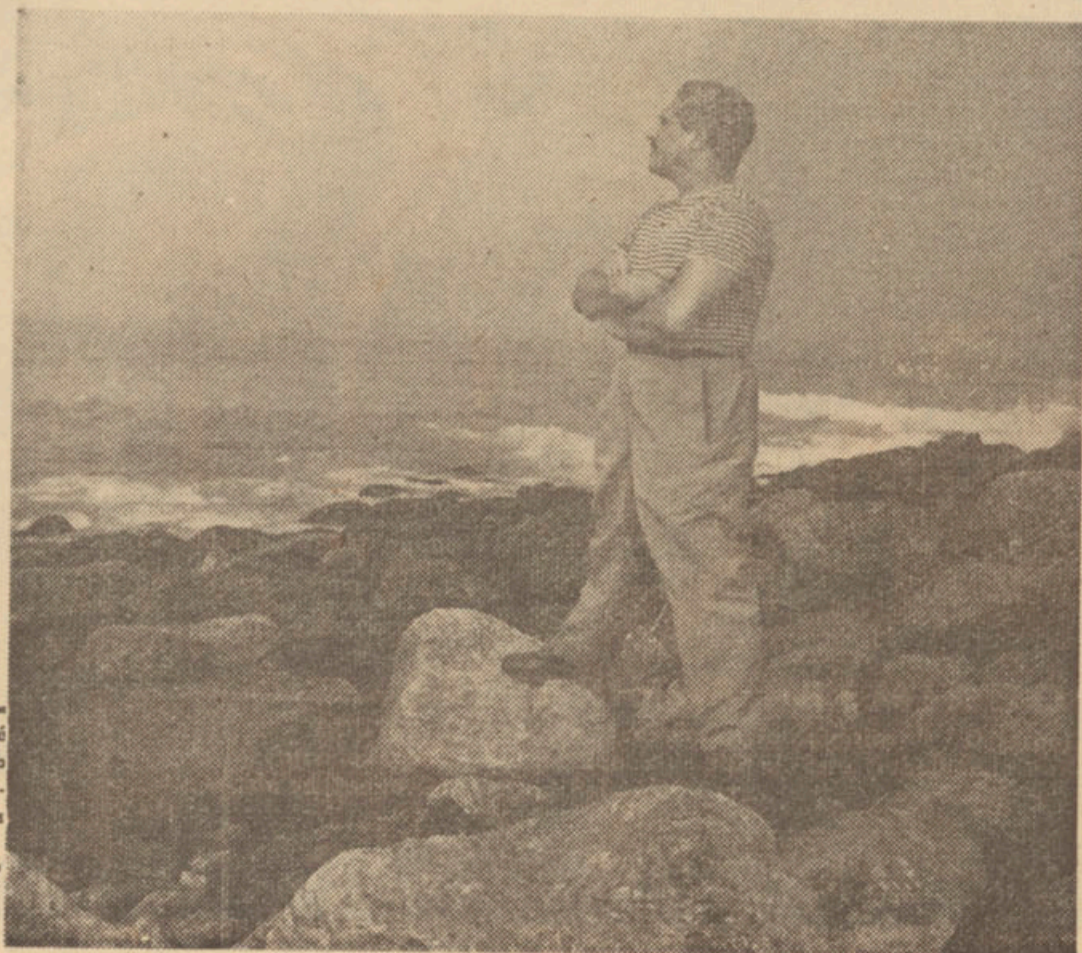
Mais tarde, descobri que a música tem vários sentidos. Ouvindo Bach e Mozart, por exemplo, tive um choque, e percebi que uma certa música pode resistir ao tempo. Descobri também aos poucos, a função exata da canção, pela qual tenho um amor devotado, por ser a crônica de uma época, a linguagem de uma gente.

Caimi pensa um pouco e diz:

— A canção tem uma influência bonita! O folclore é uma das coisas mais sólidas do canto popular.

Dorival CAIMI

“Meus Quadros Funcionam Para Mim” – A Canção e a Música Erudita – O Jazz é a Expressão Musical Mais Forte de Nosso Tempo – Compõe Andando Nas Ruas – Marina Surgiu de Uma Frase de Dorivalzinho, Filho do Compositor e Cantor





Em casa, Dorival Caiami às vezes "brinca" no violão para divertir os seus três filhos

FALA SOBRE PINTURA, LITERATURA E MÚSICA

MÚSICA ERUDITA E JAZZ

— Não me conformo de não ter tido uma boa educação musical. Creio que não poderia ser um grande músico erudito, mas acho uma coisa formidável um Haendel, um Haydin, um Bach, um Vila-Lobos.

— E quanto à música popular no Brasil?

— A nossa música popular recebe em cada fase muitas influências exóticas e de um caráter estritamente comercial. Há muitas falsidades, como o baião e a música de morro.

— E é possível fugir ao comercialismo?

— Não há como fugir: toda a nossa indústria musical é dirigida ao fácil, tanto por parte do público como dos editores. Eu por exemplo, não posso pilotar um movimento de renovação de nossa música, eivada de vícios: sou cantor, apareço em exhibições públicas, e sou compositor. Tenho de ganhar a vida.

— E você gosta de jazz?

— Muito. Não há nada mais puro e espontâneo em nosso tempo do que o jazz. Amo no jazz a improvisação, o virtuosismo instrumentista e a criação. O jazz é, a meu ver, a expressão musical mais forte de meu tempo.

— Suas predileções.

— Para mim, o maior é Jelly Roll Morton. Vou até 'Fats' Waller e Louis Armstrong.

— E o 'be-bop'?

— De "be-bop" não gosto. É uma espécie de "dadaísmo" musical.

"ESTOU DE MAL"

Passamos a extrair de Caiami a confissão de sua maneira usual de compor:

— A título de publicidade, costumo dizer em entrevistas que componho ao violão. Não é verdade. Acredito que todo como eu, que não sabe música, empoe imaginando a linha melódica, confrontando semelhança com outras canções, pensando a força lírica, procurando as palavras. Faço minhas músicas em geral andando na rua, nos lugares em que posso falar sozinho, nos lugares em que haja muita gente e onde eu sinta uma certa indiferença pela minha pessoa.

Não acredito em inspiração. Posso lhe contar como nasceu Marina: ao sair de casa, meu filho Dorivalzinho me disse de cara zangada: "Estou de mal". Na rua, essa frase ficou martelando minha cabeça: "Estou de mal, estou de mal, estou de mal..." Enquanto ia à rádio, comprava umas coisas, andava nas ruas, a melodia e a letra foram se compondo em minha ca-

beça. No fim do dia, a música estava pronta.

O RADIO RUIM

Dorival Caiami diz não ter preferências entre suas composições: "Acho que os outros cantores cantam mal a minha música. Isso imediatamente diminuiu o meu entusiasmo por elas". Depois nos diz que ele é um mau artista de rádio: "Sou capaz de cantar direito em um estúdio mas não tenho jeito para apresentar-me em um auditório; já em uma pequena casa de espetáculo, me sinto à vontade. O rádio como é atualmente me desagrada. Deve, no entanto, muito ao rádio. Sou um produto do tempo em que o rádio cultivava as coisas sérias, do raio do rádio como o entendem Paulo Roberto, Almirante, Silvio Autuori, Fernando Lobo, Antônio Maria e outros poucos."

Caiami se despede. Está se preparando, como cantor e também (novidade) como ator, para o "show" da "boite" Casablanca, feito pelos seus amigos Paulo Soledade e Fernando Lobo.

A estréia será por estes dias. Um "show" inteiro sobre ritmos e lendas da Bahia, com a pessoa e a voz desse homem lírico e barroco chamado Dorival Caiami.

ACÊRCA DO DINHEIRO

Júlio Moura

"Graças a Freud, os pobres no seu mundo inconsciente guardam tesouros maravilhosos, que por vezes escapam em frioleiras verbais e em sonhos de ouro e papel".

JOAO RIBEIRO
"CURIOSIDADES VERBAIS"

A epígrafe desta crônica é a transcrição do fêcho do estudo que o mestre João Ribeiro nos legou sobre a derivação da palavra APÓLICE.

Ele, que foi um dos cérebros mais bem providos de nossa terra, homem que, segundo acentua Agripino Grieco, podia, à semelhança do personagem de Murger, responder sem esforço a todos os consulentes, quando as bibliotecas estavam fechadas. — era pobre, donde haver, ele próprio, ponderado naquele estudo, seguindo um pouco de longe o conceito camoneano (IX, 93), que seria melhor "não discutir da origem das apólices sem o mérito de as possuir".

Talvez me coubesse fazer declaração idêntica, antes de dizer algo acerca do dinheiro; quanto mais não fosse, à guisa de defesa prévia contra eventuais facadinhas...

Em palestra na porta da Livraria Francisco Alves, afirmou certa vez Alberto de Oliveira que a língua portuguesa, tão pobre em expressões para certas atividades intelectuais, a filosofia, por exemplo, era riquíssima sob três aspectos que diziam bem dos pendores naturais do povo português: "términos de NAUTICA, DINHEIRO e PALAVRÕES". Tirante este último aspecto, os dois outros revelam os navegadores e os comerciantes.

Observação análoga poderia ser feita quanto à feição humorística de nosso povo, mas o POVINHO mesmo, relativamente à abundantíssima sinonímia de duas palavras: CACHAÇA E DINHEIRO. Deixando de parte a primeira, sem interesse aqui, poderíamos aliar muitos sinônimos e expressões com que o povo denomina carinhosamente o dinheiro. De todas as que já ouvimos até hoje, a mais pitoresca foi: "A ERVA CHEIROSA"... Injuriar o dinheiro como quem ama insultando, ouvimos uma vez na rua do Ouvidor de certo bilheteiro: "Quem quer o BURRO do dinheiro?" Mas aí, talvez, no sentido de QUANTIDADE: um coletivo quicá sugerido por BURRA.

A GRANA, a GAITA, os TUBOS, as PEPITAS, as NOTAS, o COBRE, o ARAME, a MASSA, o BAGO, o PAINÇO, o ARROZ, o METAL, o BORÓ; seria um nunca mais acabar a alusão a sinonímia gírica do dinheiro.

De BORÓ, que parece surgir do Nordeste, quando, por falta de moeda divisionária, se acitavam em trôco COUPONS de bonde, mesmo fora do bonde, no comércio, em qualquer parte, — diz João Ribeiro (Dic. Ilustr. da Líng. Port.): Boró (Brasil, Ceará). Ficha, papel moeda ilegal". Dêse restrito significado, passou a exprimir dinheiro real na linguagem popular.

Em "ARLEQUIM", de D. XI- quote, depara-se-nos esta quadra, que copio de memória:

"Quem supões verdadeiro
Que o dinheiro no mundo faça
[tudo].
Com esse não me iludo:
Tudo fará no mundo por di-
[nheiro]."

Por mais dobrada descrença nesse poder, é preciso reconhecer e até proclamar-se a enorme força do dinheiro de contado, sobretudo nestes dias hostis à infração do crédito, sendo mesmo ao crédito moderado. É claro que não se trata do dinheirinho de "ponta de lenço", a que ajudam os da roça, mas do COBRE grôso, de que todos gostam o seu tanto, mas em especial os avarentos, que dêle gostam demasiadamente.

"O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito maganão;
Tem tanta graça o maldito!
Tem tanto chiste o ladrão!"

"Sim, o dinheiro tem tanta graça, que o povo lá às vezes diz:

"— Empresta aí vinte palhaços"

"Vinte palhaços são vinte escudos, aos quais outros chamam vinte gansos", etc. etc." (V. Botelho do Amaral, "Filosofia Filológica do dinheiro").

Diz Mário Gonçalves Viana, em Psicologia do dinheiro, que o usurário, o onzeneiro, o agiota, sempre, através dos séculos foi detestado e objeto de execração pública. Dêse livro, transcrevemos estas quadras de Faustino Xavier de Moraes:

Um rico velho avarento
Já bem perto de expirar
Para fazer testamento
Manda o tabelião chamar:

Com timbre de voz roufenho
Diz o velho a suspirar:
"Deixo tudo quanto tenho...
— E não podia acabar.

O tabelião cansado
Do seu tempo em vão gastar
Tendo escrito diz zangado:
"O resto Queira ditar".

Deixo tudo quanto tenho...
— O velho torna, a chorar,
Para um pouco e diz, roufenho,
"Porque o não posso levar".

Há porém, os que aspiram a outras espécies de fortunas. De um anônimo, sabemos tinha este anelo certamente irrealizado:

"Não quero os ricos cavalos
Nem os palácios reais;
So qu'ria ter uma adega
De vinte pipas ou mais!"

(Pires de Lima; O vinho verde na cantiga popular, pg. 42)

Talvez o de que o homem de fato precisasse era afogar em álcool a "mágoa sem remédio" de ser pronto.

Eis por que supomos que quantos, no Hipódromo da Gávea ou fora dêle, andam desesperadamente atrás de "barbadas", o que em suma pretendem é o auxílio do CAVALO na cavação do BURRO do dinheiro, do BORÓ, da ERVA CHEIROSA... Os cavalos não têm, entretanto, o instinto do TATU, de sorte que não se acumpliciam em CAVAÇÕES, iludindo-se, assim, as esperanças dos homens.